VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

BRASIL PINHEIRO MACHADO POR BRASIL PINHEIRO MACHADO: MEMORIAS BIOGRÁFICAS

Helena Isabel Mueller*

> Ente memorioso imbuído de expectativas, o homem, ao narrar-se como história, apazigua os acontecimentos, inscrevendo-os em espaços e tempos que ordena por eixos de sentidos.
>
> **Fernando Catroga**

Escrever sobre Brasil Pinheiro Machado é um pouco rememorar minha existência tanto pessoal quanto acadêmica, fator complicador ao mesmo tempo em que instigador das reflexões a seguir. Convivi em seu ambiente familiar amiga que sou de sua filha Maria Célia P. M. Paoli desde a infância; fui sua aluna na graduação em História da UFPr onde foi professor e pesquisador estudando em especial o espaço territorial dos Campos Gerais onde, pode se dizer, foi gestada a cultura tradicional do Paraná. Pode ser visto como um dos historiadores mais interessantes do Paraná nesse período, até a aposentadoria compulsória aos 70 anos. Exerceu também cargos administrativos como o de Diretor da FFCL e vice-reitor e vice-reitor em exercício. Foi prefeito da cidade

* Professora aposentada da UFF, Doutora em História Social pela USP. Pesquisou o movimento anarquista com a tese *Flores aos rebeldes que falharam. A utopia anarquista de Giovanni Rossi: Colônia Cecília;* estudou os modernistas brasileiros através de Mario de Andrade. Presentemente trabalha com memória, biografias e autobiografias

paranaense de Ponta Grossa em 1932, Deputado Federal e, em 1946, Interventor Federal do Paraná na fase de transição democrática pós o Estado Novo, entre outras atividades públicas.

No presente trabalho faço a leitura de um dos dois cadernos[1] selecionados, escritos em momentos diferentes da vida de Brasil Pinheiro Machado. Aquele que chamo de Caderno I, de 1950, no qual escreve sobre sua vida política, como se lê nas primeiras linhas: "Memorias de 1930. Estava eu rememorando minha vida politica, há vinte anos atraz."[2] com o qual trabalharei posteriormente. O Caderno II, escrito na década de 1970[3] em que re-memora diferentes momentos de sua vida, com o qual vou dialogar no texto que segue. Ambos são discursos fruto de uma memória individual que, como escreve Foucault, não permitem que sua enunciação desapareça no momento mesmo de sua escrita, pois "...estão na origem de um certo número de atos novos de palavras que os retomam, os transformam e falam deles, em resumo de discursos que, indefinidamente, mais além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer". As sociedades separam alguns discursos para que sejam repetidos, comentados, transformados e indefinidamente lidos, pois se suspeita que escondam algo como um segredo, uma riqueza. Nesse sentido o comentário, mantendo o discurso afastado do esquecimento, pressupõe

> ...um princípio de seleção dos textos e, ao mesmo tempo, um conjunto de regras que estabelecem as formas legítimas de relação com esses textos; isto é, de leitura, *se entendemos por leitura a produção regulada de textos (orais ou escritos) a partir e em torno de um texto principal*".(LAROSA, 1999)

A seleção dos textos de Brasil Pinheiro Machado, que serão lidos na perspectiva acima, estará dada pelas memórias que eles contêm; as formas da relação irão se configurando no decorrer do diálogo.

---

[1] Recebi da família de Brasil Pinheiro Machado seus cadernos de anotações, num total de aproximadamente 40 volumes. Em sua maioria são cadernos de notas de pesquisas. Esse acervo documental foi doado pela família ao Centro de Documentação e Pesquisa do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e está disponível para consulta de pesquisadores. Dentre os cadernos, dois chamaram minha especial atenção: os cadernos de suas memórias. No presente trabalho estarei convivendo com suas memórias pessoais e acadêmicas, à medida que estas permeiam aquelas na escrita de suas rememorações.

[2] No presente texto não referenciarei as paginas das citações; manterei a grafia do original.

[3] Esse caderno contém diversos textos. Tomei por base, para estabelecer uma temporalidade, o segundo texto datado de13-12-1977 no qual escreve "Esse ultimo paragrafo [do texto anterior ao que está escrevendo] ... foi escrito há uns cinco ou seis anos. Ontem fiz setenta anos e caí na compulsória..."

Para além dos discursos contidos no caderno mencionado trabalho com outras formas discursivas de Pinheiro Machado, quais sejam, poemas e ensaios. Aqueles publicados na revista *Antropofagia* em 1928 e em *Quatro poemas*[4] livro publicado em 1929; estes publicados na revista católica *A Ordem* em 1929 e 1930.

Um esboço autobiográfico ajudará a compreender o escritor das memórias que se seguem. Autobiografia fluida e dispersa, não pretendida como tal por parte do autor, sem obedecer a uma cronologia, talvez mais próxima a uma recordação autobiográfica. Lembrar-se do que aconteceu é uma atividade corriqueira da mente humana, muitas vezes fugidia e inconstante – a memória se fluidifica com o passar da idade. No entanto, dirigir objetivamente o pensamento para rememorar o passado, buscando coerência e sistematização, transformar esse pensamento em escrita possibilita a nós, estudiosos da história, acompanhar a experiência vivida. Nesse sentido, memórias, enquanto re-lembranças, recordações intencionais de um passado até então esquecido, enquanto narrativa de uma experiência vivida, escondem segredos que podem ser desvelados por sua leitura, mostrando a cada ato de ler múltiplos caminhos a serem seguidos. O presente texto é escrito na direção de encontrar e/ou construir esses caminhos.

História e memória têm relação conflitada no sentido que a objetividade exigida pela historiografia historicista, em seu auto-atribuído cientificismo que procura definir o processo invisível de uma história universal, não poderia dialogar com a memória fluida e intrinsecamente subjetiva que é. Presentemente memória e história vêm se reconciliando, retomando seu papel na vida dos seres humanos, cada uma em sua especificidade na narrativa de um passado individual ou coletivo. Baeza (2011) e Rossi (2010), pensando a memória, remontam à tradição da filosofia clássica para mostrar sua importância na aquisição do conhecimento, na reflexão retrospectiva e introspectiva. Ambos diferenciam a capacidade de lembrar - que vêem como passiva à medida que se limita a repetir o gravado na memória instituída, semelhante à dos alunos quando repetem um texto "de cor" – e aquela que chamam de reminiscência, atividade humana que requer esforço intelectual para selecionar e ordenar o que está disperso e fragmentado no cérebro, à procura de (re)construir a lembrança do que passou. Isso porque, longe de estar "pronta a ser usada" como se estivesse guardada em um baú, a memória requer que seja elaborada,

[4] Os quatro poemas que compõem o livro homônimo foram reeditados, juntamente com outros poemas, em Machado, Brasil Pinheiro *Poemas seguidos de dois ensaios*, prefácio de Augusto Frederico Schmidt. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. No texto utilizo essa edição.

é intencionalmente seletiva e ligada à vida social e coletiva de um presente histórico em um movimento de permanente encontro da razão com a esperança, do passado com o futuro. Memória, ou o ato de (re)lembrar é, assim, uma forma de construir significações/re-significações de um tempo pretérito em um tempo presente, seja enquanto atividade individual ou coletiva. Como escreve Catroga (2009) a memória

> ...é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das *representações* (ou *re-presentificações*) do pretérito. (p.)

No movimento em que a história e a historiografia recebem a memória em seu regaço o espaço a ela concedido inicialmente foi aquele da memória coletiva, memória social de um grupo, região, nação em um dado momento histórico, como quis Halbwachs em Les cadres sociaux de la memoire, de 1925. Essa noção vem sendo ampliada para dar espaço à memória individual, com a subjetividade que lhe pertence ao dar voz à percepção e transformação das histórias vividas. O imaginário coletivo é apropriado pela imaginação individual como em um encontro profundo de dois fragmentos pessoais: sua interioridade e seu exterior, como se de dois eus se tratasse. "O sujeito, mesmo antes de ser um eu, já está, a um certo nível, imerso na placenta de uma memória que o socializa e à luz da qual ele irá definir, quer a sua estratégia de vida, quer seus sentimentos de pertença e adesão ao coletivo." (CATROGA 2009, p 13) Essa tensão entre uma memória fundante e a dinâmica da história vivida é "arquivada" nos quadros da memória e a significação que ela tem no momento em que ocorreu jamais poderá ser recuperada. O "ser significante" poderá recordar

> ...la alquimia mental, que corresponde a la subjetividad, pero la subjetividad actualizada, por así decirlo, o sea com los elementos próprios de su "equacion personal" actual con los componentes de su realidad psíquica presente(raciocínio logico y abstracto, estado emocional, creencias y elementos de mentalidade, imaginación, capacidade evocativa, etc.) para significar algo". (BAEZA 2011)

O que vale dizer que a significação dada por um indivíduo a um momento vivido jamais poderá restabelecer sua totalidade quando evocada: não é apresentada como foi e sim como pensada e imaginada, produzindo a sensação de ser possível trazer o ontem para o hoje, o passado para o futuro. Trata-se, assim, de uma representificação do pretérito expressando a complexa rede de relações na qual se inscreve. Como escreve Caligaris ( )

"Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo".

Autobiografias, memórias individuais como chamo aqui, sofrem a mesma relação tensa com a história. Loriga (2011) se pergunta se a vida de uma pessoa pode esclarecer o passado e que critérios o historiador tem na escrita biográfica para definir a hierarquia de importância, de significação dos acontecimentos? Essas questões, para a autora, estavam na base da gênesis da micro-história que criando uma aliança entre "convicção política e reflexão metodológica" utilizou materiais biográficos com o intuito de iluminar a "capacidade de iniciativa pessoal dos atores históricos". É com essa perspectiva que desenvolvo as reflexões a seguir, a partir da escrita de Brasil Pinheiro Machado em suas reminiscências. Em abril de 1978 lê-se:

> Às vezes, nestas quadras da velhice que vai se acentuando, eu me ponho a pensar sobre um passado longo e longinquo, já que o pensamento para o futuro encontra obstaculos. Na minha idade cronologica e na minha idade emocional, o homem sabe que o futuro é o esquecimento. A gente não se esquece do passado, a gente se esquece do futuro. Então para fugir do passado e do futuro, ao mesmo tempo, a gente cria situações de imaginação que se podem rotular de "as coisas como poderiam ter sido".

Em um de seus cadernos, aquele escrito na década de 1970 que chamo de Caderno II, no primeiro texto intitulado *Os Carvalhos*, escreve:

> Cada um de nós é um produto de um número imenso de famílias, que convergem, para que nasçamos. ...Assim por exemplo, eu posso nomear uma série de famílias que, ao menos histórica e biologicamente, convergiram naquela quinta feira de dezembro, dia 12, do ano de 1907, para possibilitar meu nascimento.

Segue elaborando a genealogia de sua família, os Pinheiro Machado, desde o século XVIII com a vinda de um casal de portugueses imigrantes de nome Pinheiro. O filho deles casa, em São Paulo, com "...uma moça da mais antiga linhagem paulista – a do Machado, cujas raizes mais antigas no Brasil, se embebiam no solo da gente de Martim Afonso." Segue a narrativa com a trajetória deles para o Rio Grande do Sul, após a Revolução de 1842 "...seguindo o rumo das tropas" até Cruz Alta "....e se espraiaram pela região missioneira"; é lá que nasce o avô. Este casa em Sto. Ângelo com uma "moça de tronco paranaense" de nome Ribas, cuja família imigrou de Portugal e se estabeleceu em

Curitiba "participando da 'governança'". Desse casamento, logo depois da guerra do Paraguai, nasce seu pai a quem patrioticamente foi dado o nome de Brasil, o primeiro de muitos na família; após a Revolução de 1893 ele se emprega na condução de tropas de muares do Rio Grande para a Feira de Sorocaba, em São Paulo. O caminho das tropas passava por Ponta Grossa. "Aí, o rapaz se casou com uma filha de fazendeiro dos Campos Gerais do Paraná. É minha mãe."

Segue sua "história de uma família" mostrando outros ramos familiares e seus entrelaçamentos na formação da comunidade paranaense do século XIX, na qual identifica suas raízes. Essa comunidade, comparada a outras comunidades brasileiras do período, escreve Pinheiro Machado

> ...não formavam populações ricas, não tinham 'consumo conspícuo', eram, talvez pobres mas assentadas nas suas terras e no seu gado, viviam uma vida mediana, *toda cheia de tradições familiares*, ... que constituíam um freio difícil de suportar em certos momentos, mas a que cada indivíduo se apegava, nos momentos de depressão, para assegurar a si próprio a razão de sua dignidade pessoal.(grifo meu)

Está enunciado, na citação, um dos pontos constitutivos de Pinheiro Machado, a noção de *tradição familiar*. Uma tradição, ele escreve, que não apontava para uma vida intelectual, ao contrário tinha raízes fortes nas terras dos Campos Gerais. Reflete sobre o porquê de ter se tornado intelectual, pois na mocidade seu projeto de vida era o de ser advogado, participar da vida política como sempre havia feito sua família "Sempre vivi numa família que nada tinha de intelectual e, por isso mesmo dedicada inteiramente a vida autentica da classe e da camada local a que pertencia." A tradição, para Pinheiro Machado, teve muita força sobre os membros do grupo social ao qual pertencia, força essa que se expressava como ética "Nossas ideias sociais e políticas (eu me analisando) tiveram como chão nativo aquela etica da tradição familiar provinciana". Prossegue:

> As ideias do mundo aberto com que entramos em contacto não erradicaram daquela ética. Esta constituía o elemento fundamental de nossa identidade. As ideias do mundo aberto se chocavam, se contradiziam com a nossa identidade. Não repudiavamos aquelas ideias do mundo aberto, ao contrário, procuravamos harmonizar com o fundo de nossa personalidade, assumíamos, às vezes, nos momentos de angustia, atitudes que iam um pouco alem dos limites que a ética provinciana familiar nos marcava como a permissibilidade da conveniência.[5]

[5] Ver acima nota 3. As citações a seguir estarão referenciadas em seu caderno de memórias individuais escritas em diferentes momentos da década de 1970, em especial 1977.

A tensão entre a aceitação da "modernização" que a razão incentivava e o peso da ética da tradição provinciana permeia suas memórias e, como veremos adiante, marcou sua existência e se manifestou em diversos momentos. Escreve ele: "Nossa vida real intelectual decorria sobre ruínas de construções antigas que, objetivamente, já tinham perdido qualquer atualidade." Mais adiante:

> E para que não morressemos em vida, criamos a justificação de que apenas o que tinha acontecido é que "um ciclo se encerrára". E que era preciso atentar com seriedade, e não com desprezo ressentido, os sinais do novo ciclo que se tinha iniciado. Inutilmente. O velho ciclo encerrado na realidade objetiva, tinha sido sepultado com vida na nossa sub consciência. E continuava a agir, a falar em linguagem cifrada, a nos perturbar, a nos dar a sensação de impotência, de inferioridade, de ceticismo.

Suas memórias transbordam a angústia de uma vida e de uma geração que viveu e sofreu as transformações em todos os sentidos radicais. A modernidade se impunha e cabia às pessoas, principalmente aquelas que optaram por apreender o mundo com os olhos da razão, vivê-la intensamente mesmo que dolorosamente. Aos 70 anos Brasil Pinheiro Machado volta a sentir a angustia daquele momento ao repensar suas escolhas:

> Examinava eu, certa vez, o desenrolar de minha vida intelectual. De minha formação intelectual. A primeira pergunta que se levantou desse exame foi: porque e como entrei na vida intelectual. Mas principalmente o "porque". ... O meu projeto de vida, quando se firmou na primeira mocidade era o de ser advogado, participar daquela vida política a que minha família sempre esteve ligada e, possivelmente ser também fazendeiro. Tudo muito possível, muito lógico, muito natural. E em parte esse meu projeto de vida se cumpriu. ...Formei-me em direito, participei da política local, sempre fui ligado à economia da terra, mas tudo agora secundariamente. Foi o fato de, não sei como e sem vocação, de ter entrado na vida intelectual, e de ter me transformado num intelectual que me tirou a autenticidade da vida. ... Fui advogado, mas por acaso. Fui dono de terras (e sou ainda), mas secundariamente. Fui político da província, mas sem força de liderança. Tudo isso porque eu era realmente um intelectual.

A trajetória de sua vida ainda adolescente foi marcada por decisões familiares necessárias diante do falecimento precoce de seu pai, quando ele e seus irmãos foram enviados para estudar em um colégio rigoroso e conservador, o dos padres salesianos de São Paulo. Nesse ambiente, como menciona, sequer ouviu falar da Semana de Arte Moderna de 1922. Passados os anos de colégio, em 1924 foi para uma pensão ainda em São Paulo e em 1926 foi para Rio de Janeiro estudar Direito na Universidade do Brasil,

em um momento em que a cidade fervilhava e as novidades que estavam por toda parte. Poeta, teve seus poemas publicados na *Revista de Antropofagia* o que mostra sua convivência com os modernistas e com a intelectualidade carioca de finais dos anos de 1920. O escritor Afonso Frederico Schmidt apresenta Brasil Pinheiro Machado:

> É da última camada, pertence à geração que bebeu, mamou, foi criado pelos sensatos e equilibrados brasileiros que fizeram a *Klaxon*, a Semana de Arte Moderna, a *Estética*, a *Terra Roxa*.
>
> ...
>
> Acho que não preciso apresentar mais este menino que não é menino prodígio, nem menino precoce, mas uma das sensibilidades maiores na minha terra – poeta verdadeiro – sincero e alto.

Os poemas publicados na Revista de Antropofagia em 1928 têm um nítido viés modernista e inserem o Paraná no Brasil, inserem Ponta Grossa no Brasil, e vice versa. A imigração européia imprimira nessa região uma diferenciação diante daquela do norte, onde vive "...muita gente morena de pele abronzeada", e ao mesmo tempo se faz pertencer à vastidão brasileira. Em linguagem leve e brincalhona escreve: .....

> Só que o brasileiro do norte que chorava a desbrasilidade do sul
> Não notou que quando parava o seu fordinho na estrada esburacada
> E apeava pra pedir água ou comprar fruta na chacrinha em frente
> O polaquinho
> O russinho
> O alemãozinho
> O italianinho
> Nascido ali
> Traduzia o pedido do viajante pro pai e do pai pro viajante
> Numa língua igualzinha à dos caboclos de cor de bronze amulatado
> Sem regra de gramática, graças a Deus!

Jogando com a diversidade e a identidade contrasta o caboclo moreno ao caboclo amarelo e brinca com o progresso:

> .....
> Mas porém o Brasil está ali mesmo
> Só que cresceu muito muito mesmo...
> Não é mais os casarões coloniais com senzalas no terreiro
> Nem guerras com índios valentes e românticos

> O Brasil cresceu tanto
> Que a baiana que vendia bolinho de tapioca, doce de coco, arroz doce
> Foi-se embora porque o italiano não comprava os seus docinhos...

Em 1930, dois anos depois, portanto, publicou na revista *A Ordem* o ensaio "Instantâneos Paranaenses" com o subtítulo "O desnorteante da união brasileira". Neste texto, escrito em linguagem ácida que contrasta com a de seus poemas analisa desde outra ótica a diversidade da nação brasileira de norte a sul chamando atenção para as peculiaridades das culturas regionais. Nesse contexto o Paraná, vaticina, não tem cultura própria; a que porventura manifesta é apenas uma extensão difusa da cultura paulista.

> Dentro do Brasil já principiado, o Paraná é um esboço a se iniciar.
>
> Falta-lhe o lastro dos séculos. Apezar de ser o Estado de futuro mais próximo, forma nessa retaguarda característica de incaracterísticos. E olhando as oscilações de tudo, dos costumes indo e vindo, nem sempre evoluindo, da vida sem fixação nenhuma da quase totalidade da população, eu poderia affirmar sem errar por muito que o paranaense não existe.(*A Ordem*, 1930 p.137)

Não há lugar neste seu ensaio de despedida do Rio de Janeiro, pois retorna a Ponta Grossa no mesmo ano, para a tradição campeira que quarenta anos depois reafirma ser a sua; ao contrário, quando se refere aos Campos Gerais mostra sua sensibilidade sobre a região de onde esteve por longo tempo distante:

> E depois de olhar os immensos campos sem fim, blocos de pedras enormes formando cidades com ruas, monumentos, templos, grutas, lagoas encantadas, e dentro das grutas, altares e columnas, depois de olhar toda aquela estatuaria e architetura extranha, comprehenderia porque o espírito mystico da raça está sempre se externando; porque nas grutas monjes bárbaros e ciliciados atrahiam romarias para os milagres, porque nas coxilhas galopeavam prophetas e jagunços, fazendo heroicamente, loucamente, a guerra santa para salvar o Brasil em nome de Deus! (*A Ordem*, 1930, p. 137)

O ensaio foi publicado em uma revista de divulgação do ideário da Igreja Católica que visava imprimir maior mobilização aos católicos brasileiros considerados pela Igreja como "católicos dominicais". Ela foi também centro de reação ao movimento de intelectuais progressistas vistos como uma "ameaça às tradições brasileiras". Um dos mecanismos para a expansão desse ideário em termos nacionais foi a fundação de centros de estudos coordenados por intelectuais católicos, braço político da Igreja no período; o

Circulo de Estudos Bandeirantes em Curitiba, fundado em 1929, é um exemplo. A leitura do ensaio de Brasil Pinheiro Machado por intelectuais curitibanos vinculados ao CEB, em 1930, provocou tamanha indignação em seus membros reunidos que, interrompendo a reunião encarregam a Bento Munhoz da Rocha de escrever uma resposta, também publicada em *A Ordem* no mesmo ano intitulada *A significação do Paraná*, uma ode ao Paraná e ao ser paranaense. Mais tarde Pinheiro Machado se tornará, ele mesmo, um "bandeirante", como eles se autodenominavam.

Após seu retorno a Ponta Grossa, ao reencontrar suas raízes bem como as pessoas cuja tradição era comum à sua, foi possível para Brasil Pinheiro Machado (re)construir seu pertencimento à *tradição familiar campeira* uma das expressões mais verdadeiras de sua identidade, por tantas vezes reiterada em suas memórias autobiográficas da década de 1970. O processo da (re)construção não foi linear tampouco se restringiu à esfera da razão, ou intelectual; dedicou-se intensamente à política institucional do Paraná, militante que foi do PSD, o que será trabalhado futuramente e com pesquisas em andamento, tendo como centro das atenções o que acima chamei de Caderno I.

No decorrer da leitura do Caderno II pode se apreender reflexões constitutivas da formação de Pinheiro Machado como intelectual; aliás, como já mencionado, encontramos nele certo desconforto em "ser intelectual". Escreve sobre seu divertimento daquele momento: repensar a mocidade e a maturidade sob "...critérios de minha [dele] vida atual". Não sem certa ironia escreve: "Foi em numa dessas divagações que eu descobri que sou um intelectual. Tão admirado fiquei de me convencer que era (e sou) um intelectual, que me virei para o problema: que é um intelectual?" Suas conclusões, após leituras que vão de Marx a Gramsci percorrendo vários pensadores, não são nada lisonjeiras: "O intelectual pretende ser a consciência da sociedade, mas não consegue. ...se alimenta... não diretamente da realidade, mas da realidade falsificada pelos intelectuais que o precederam." Bastante cáustico mas bastante realista em sua análise principalmente ao pensar-se que estamos diante de um intelectual do porte de Brasil Pinheiro Machado.

Escrever sobre uma vida a partir da escrita de si nos permite uma viagem a tempos, perspectivas, dúvidas e projetos individuais que, por sua vez, nos contam muito de um passado revivido na "imaginação"de quem o escreveu com um olhar nada complacente, ao contrário, tensionado e crítico. Memórias, como escrito acima, escondem

segredos e nos levam a percorrer caminhos de encantos e desencantos. Levam-nos a imaginários que estimulam nossa imaginação e permitem que sejamos mais críticos e ao mesmo tempo mais complacentes com o passado e com as pessoas que o construíram. Abrem-nos portas para que sejamos mais conscientes na construção do presente e, portanto, do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Ordem - 1929 e 1930.

Baeza, M. A. Memoria e imaginarios sociales. *IMAGONAUTAS* 1 (1), 2011. Pp. 76-95.

Catroga. F *Os passos do homem como restolho do tempo.* Memória e fim do fim da história. Coimbra, PORT.: Edições Almedina, 2009.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Larrosa, J. Os paradoxos da repetição e da diferença. Notas sobre o comentário do texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges. Abreu, M. (org.) *Leitura, história e história da leitura.* Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.

LORIGA, S. *O pequeno x: da biografia à história.* Belo Horizonte: Autêntica, 2011. P. 221-222.

PINHEIRO MACHADO, B. Instantâneos paranaenses. O desnorteante da união brasileira. *A Ordem.* Rio de Janeiro, fev. e abr. 1930.

_____ *Poemas seguidos de dois ensaios*. Curitiba: Imprensa oficial do Paraná, 2001.

ROSSI. P. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SCHMIDT, A. F. Brasil Pinheiro Machado: poeta brasileiro de Ponta Grossa. In: Pinheiro Machado, Brasil *Poemas seguidos de dois ensaios.* Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.